

APRENDER A APRENDER

LEARN TO LEARN

Renata Carvalho Durães Pena¹

Helena Maria Ribeiro²

João Carlos Machado³

Rodi Narciso⁴

Resumo: Como aprender a aprender? O objetivo deste artigo é relacionar as novas metodologias, o currículo e as tecnologias buscando compreender o vínculo entre todos estes aspectos no sentido de promover uma reflexão sobre o atual cenário educacional brasileiro e suas demandas. Considera-se para a elaboração deste artigo alguns conceitos fundamentais. Considera-se o currículo como um documento que irá nortear, isto é, um documento normativo que irá fazer parte do PPP, isto é, o Projeto Político Pedagógico que vai determinar as bases e princípios a serem seguidos na elaboração do currículo em si em uma escola. Considera-se também que as TICs, consistem nas Tecnologias de Informação e Comunicação como recursos “responsáveis” por viabilizar este currículo. Mediante a relação destes fatores, a autora propõe uma reflexão sobre suas abordagens metodológicas envolvendo a tecnologia no ensino do idioma inglês em Colégios Bilíngues da cidade de São Paulo. Através de uma pesquisa bibliográfica a autora traz à tona diversos aspectos e percepções acerca do objeto observado concluindo que esta abordagem metodológica pode se constituir em uma experiência inovadora.

Palavras-chave: Tecnologia. Currículo. Novas Metodologias. Experiência Inovadora. TICs.

Abstract: How to learn to learn? The objective of this article is to relate the new methodologies, the curriculum and the technologies, seeking to understand the link between all these aspects in order to promote a reflection on the current Brazilian educational scenario and its demands. For the elaboration of this article, some fundamental concepts are considered. The curriculum is considered as a document that will guide, that is, a normative document that will be part of the PPP, that is, the Pedagogical Political Project that will determine the bases and principles to be followed in the elaboration of the curriculum itself. It is also considered that ICTs consist of Information and Communication Technologies as “responsible” resources for enabling this curriculum. Through the relationship of these factors, the author proposes a reflection on her methodological approaches involving technology in the teaching of the English language in Bilingual Colleges in the city of São Paulo. Through a bibliographical research,

1 Graduada em Comunicação Social pela Universidade do Triângulo (UNITRI) e Graduada em Letra Inglês e Português pela Universidade Campos Elíseos (UNIFIEO). Especializações: Jornalismo Científico pela Universidade de São Paulo (USP) e Jornalismo Internacional pela Pontifícia Universidade Católica (PUC-SP). Mestranda em Tecnologias Emergentes em Educação pela Must University - Flórida. renata_duraes@yahoo.com.br

2 Graduada em Pedagogia pela Universidade Federal de Uberlândia (UFU). Especializações: Docência na Educação Infantil pela Universidade Federal de Uberlândia (UFU) e Atendimento Educacional Especializado (A EE) pela Universidade Cândido Mendes (UCAM). Mestranda em Tecnologias Emergentes em Educação pela Must University - Flórida. helenamaria236@outlook.com

3 Graduando em Pedagogia, pela Universidade Estadual do Mato Grosso - UNEMAT. E-mail: jcmachado06@hotmail.com

4 Graduação em Pedagogia. Especialização em Psicopedagogia Clínica e Institucional. Educação Especial. Gestão Escolar. Deficiência Visual. Mestranda em Tecnologias Emergentes em Educação pela Must University - Flórida. E-mail: rodiarciso1974@gmail.com

the author brings to light several aspects and perceptions about the observed object, concluding that this methodological approach can constitute an innovative experience.

Keywords: Technology. Resume. New Methodologies. Innovative Experience. ICTs

1 Introdução

Dentre os quatro pilares da UNESCO, aprender a aprender tem sido um dos mais desafiadores quando se trata da atual configuração do sistema educacional mundial. Isto consiste devido à mudança de paradigmas que transformou o aluno em protagonista do seu próprio aprendizado em uma busca pela sua autonomia. Mediante este princípio, a sala de aula que até alguns anos atrás tinha como figura central o professor, centralizador do conhecimento, que com giz e lousa “expunha” o conteúdo, está deixando de existir.

O giz e a lousa se transformaram em celulares, *tablets*, *notebooks* e outros *gadgets* eletrônicos. A aula expositiva tem deixado de ser assim para dar espaço a uma aula participativa, colaborativa, onde todos os alunos se tornam protagonistas de seu próprio aprendizado. Os livros e apostilas deram espaço aos *e-books* e hiperlinks. Os trabalhos feitos em papel almaço passaram a ser feitos digitalmente e enviados via plataforma educacional. As pesquisas saíram das enciclopédias e bibliotecas e são realizadas mediante um clique na plataforma *google*, uma das mais utilizadas. A comunicação via telefone entre coordenação, professores e pais de alunos deu espaço aos grupos de *WhatsApp* onde integrantes interagem entre si gerando uma comunicação mais imediata e dinâmica.

É óbvio que em função de todas estas mudanças o currículo escolar deve se adaptar para acompanhar. Este artigo tem o objetivo de realizar uma pesquisa bibliográfica sobre currículo, tecnologias, novas metodologias de ensino e a relação entre eles, mediante estudos de caso realizados em colégios bilíngues da cidade de São Paulo pela autora deste artigo.

2 Desenvolvimento

2.1 Currículo e tecnologia

De acordo com Zotti (2004, p. 9) O currículo é “[...] entendido como artefato cultural, à medida que traduz valores, pensamentos e perspectivas de uma determinada época ou sociedade”.

Seguindo esta linha de raciocínio, os currículos educacionais brasileiros têm buscado um alinhamento entre as posturas da sociedade e a mentalidade dos alunos nesta fase de educação 5.0 e mediante esta nova perspectiva educacional tem-se constatado a necessidade mundial de se adaptar os currículos escolares a uma crescente demanda tecnológica.

As novas tecnologias trouxeram grande impacto sobre a Educação, criando novas formas de aprendizado, disseminação do conhecimento e especialmente, novas relações entre professor e aluno. Existe hoje grande preocupação com a melhoria da

escola, expressa, sobretudo, nos resultados de aprendizagem dos seus alunos. Estar informado é um dos fatores primordiais nesse contexto. Assim sendo, as escolas não podem permanecer alheias ao processo de desenvolvimento tecnológico ou à pena de perder-se em meio a todo este processo de reestruturação educacional. (Ferreira, 2014, p.15).

2.2 Idioma inglês na educação infantil: uma experiência inovadora

Ao longo de 20 anos como professora de inglês na educação infantil em colégios bilíngues de São Paulo a autora deste artigo pôde colocar em prática e observar diversas metodologias de ensino que viessem a agregar o seu trabalho como professora com um público tão peculiar que são as crianças. Ensinar outro idioma a crianças de 0 a 5 anos, que ainda não estão alfabetizadas e não dominam nem o idioma português, muitas delas ainda não falam ou estão aprendendo a falar, é realmente um desafio. Acrescente-se a isso a ansiedade dos pais e da escola que, em um mundo globalizado a necessidade de se falar o idioma inglês é cada vez mais latente e a cobrança por resultados imediatos na produção oral das crianças tornou-se uma constante na prática docente diária.

O ensino de outro idioma consiste na assimilação, compreensão e reprodução. A fim de desenvolver uma análise do processo de retenção do conhecimento, é necessário definir o seu escopo. Retenção do conhecimento consiste em três atividades: aquisição, armazenamento e recuperação do conhecimento (Walsh, Ungson, 1991, p. 57-91).

E aqui aborda-se somente a oralidade do idioma pois estas crianças ainda não lêem nem escrevem. Como atingir este público peculiar trazendo iniciativas inovadoras e produtivas para dentro da sala de aula de forma a “acessar a mente” destas crianças e fazê-las compreender e reproduzir outra linguagem? O universo infantil é permeado pelo lúdico, pelo divertido, pela brincadeira. Crianças aprendem brincando e cantando. Aulas expositivas não funcionam. Após diversas tentativas, o método que pareceu à autora mais produtivo foi trazer músicas para a sala de aula. De acordo com a neurolinguística, a música tem a capacidade de acessar uma parte do cérebro responsável pelas emoções e pelo prazer. Esta constatação foi fundamental no direcionamento de suas aulas. Partindo de um conteúdo estabelecido pelo currículo da escola e os temas trabalhados em sala de aula, a autora selecionava as músicas que estavam relacionadas àquele conteúdo. Por exemplo, músicas sobre animais da fazenda, músicas sobre estações do ano, músicas sobre partes da casa, dentre uma infinidade de temas.

Algo que contribuiu para o sucesso destas aulas é que nestes colégios bilíngues em que trabalhou havia uma estrutura muito boa em termos de recursos tecnológicos. Estas aulas não teriam funcionado se não houvesse a disponibilidade destes recursos. A coordenação estava alinhada com os propósitos do ensino do idioma e investiu bastante neste aspecto, mesmo porque, havia uma cobrança por resultado dos pais dos alunos, as mensalidades escolares eram de valores altos e todos estavam conscientes da importância deste investimento. Cada sala tinha computadores, televisões, caixas de som, dentre outros recursos. Somente em uma das escolas era necessário compartilhar os recursos com outros professores e isso prejudicava grandemente o trabalho. Na verdade, interromper uma aula por problemas técnicos ou para “dividir” o equipamento com outra professora era determinante para o bom funcionamento das aulas. Após

estas “eventuais interrupções” a aula não voltava ao seu rumo, as crianças se dispersavam e a aula ficava pelo caminho.

Conforme já foi dito, as músicas eram selecionadas de acordo com o tema da aula, não eram escolhas aleatórias. Foi escolhido um canal do youtube chamado “Super Simple Songs”, com letras curtas e simples, específicas para a faixa etária das crianças, utilizando-se de rimas, estrofes curtas e um vocabulário específico ao tema e a cada nova aula iam sendo inseridas uma quantidade de palavras. O objetivo da autora enquanto professora é que suas aulas fossem simples, produtivas e acessíveis, isto é, que ela conseguisse acessar a mente destas crianças de forma funcional e o recurso tecnológico que lhe foi disponibilizado foi fundamental.

O primeiro momento da aula era de “apresentação do conteúdo” que era feito mediante apresentação do vídeo da música. As crianças ficavam “hipnotizadas” pelo vídeo, pois já nasceram em um mundo tecnológico. Muitas vezes crianças de 3 anos a auxiliavam a lidar com os recursos. Todos assistiam juntos ao vídeo algumas vezes, era a fase de “assimilação do conteúdo”. Os vídeos têm recursos incríveis, são coloridos, dinâmicos e divertidos, acessando a mente das crianças de forma leve e natural. Em uma experiência em outra escola onde a coordenação ainda resistia um pouco aos recursos tecnológicos, eram utilizados recursos “anteriores” à implantação das tecnologias nas escolas, isto é, “flashcards”, que são imagens de figuras. São imagens estáticas, sem som, sem movimento e que não surte o mesmo efeito que os vídeos musicais e as crianças não demonstravam tanto interesse por eles. Outra percepção da autora na vivência de sala de aula é que os recursos tecnológicos se encarregam de toda a parte de “transmissão de conteúdo”, são autoexplicativos, necessitando do professor somente como intermediador do recurso. Ao utilizar os recursos em papel (flashcards), toda a “apresentação do conteúdo” ficava sob a responsabilidade do professor. O que significava um trabalho muito maior e acresce-se a isso o fato de ter que administrar uma sala de aula com cerca de 15 alunos bem pequenos e ativos.

A segunda parte da aula era destinada à “prática do conteúdo”, isto é, uma vez que o aluno já assimilou o significado da palavra e associou o “som” da palavra, à “imagem”, é o momento de praticar a pronúncia. Seria a fase dos “drills” (treinos). Neste momento não há uma repetição cansativa, exaustiva e mecânica, que torna o aprendizado maçante. Os alunos repetem as palavras cantando as músicas e dançando. Neste momento é essencial a participação do professor-mediador no intuito de motivar os alunos, incentivar, estimular, trazendo outros elementos e recursos para a aula. Cabe ao professor, neste momento da aula, não somente repetir o vocabulário, mas transformar este momento numa experiência significativa, trabalhando imagens e sons de forma criativa e lúdica.

O terceiro e último momento da aula era composto pela “produção de conteúdo”, isto é, de acordo com o tema trabalhado o aluno deveria produzir um trabalho relacionado àquele tema. Antes da inserção tecnológica nas escolas a coordenação estimulava muito mais as produções em papel, utilizando apostilas na educação infantil e recursos materiais como tintas, giz de cera, lápis de colorir, dentre outros. Foi nítido o redirecionamento metodológico após o período de inserção da tecnologia. No ensino do idioma inglês o resultado da funcionalidade das aulas é medido em crianças não alfabetizadas conforme a produção oral, isto é, se a criança consegue vincular o “som” da palavra à “imagem”, e além disso consegue “pronunciar” esta palavra significa que o aprendizado daquela aula foi efetivo. Para isso, na fase de “produção de conteúdo” para crianças não alfabetizadas não se faz sentido produções escritas ou manuais, pois

o aprendizado é oral. Nesta fase, na aula, foi proposto uma espécie de “vivência prática” em que os alunos são estimulados pelo professor a “recriar” e “dramatizar” as situações vivenciadas na música. Desta forma, traz-se elementos para a aula e à medida em que a situação “encenada” se desenvolve os alunos são estimulados a identificar os elementos em inglês, pronunciar e repetir este vocabulário. Esta mesma experiência pode ser realizada “virtualmente”, embora percebe-se também que com alunos muito pequenos as experiências tecnológicas devem ser alternadas com experiências “presenciais”, pois as crianças sentem a necessidade de tocar, sentir e experimentar.

3 Considerações finais

Durante este período de prática docente no ensino infantil com crianças bem pequenas várias foram as percepções e análises da autora em relação às metodologias, abordagens de ensino, currículo e recursos tecnológicos. Dentre todas as abordagens em sala de aula, esta “forma de ensinar” utilizando músicas com imagens em movimento e som foi a experiência inovadora mais significativa. Os alunos assimilaram bem e chegavam em casa reconhecendo as imagens, repetindo as palavras e as músicas. Outra percepção significativa foi em relação aos recursos tecnológicos e a “forma” como eles atuam no cérebro em formação de uma criança, algo que, a autora gostaria de elaborar melhor em uma pesquisa acadêmica futura.

Uma segunda percepção foi, por mais que os recursos tecnológicos fossem importantes, na primeira infância eles não substituem as experiências reais e sensoriais de uma criança, que precisam sentir e vivenciar a situação de aprendizado. Neste aspecto, considera-se essencial o preparo do professor, pois uma sala de aula, especialmente na educação infantil, demanda distintas e específicas habilidades comportamentais e socioemocionais do docente.

Uma última percepção, mas não menos importante, inclusive muito latente e de certa forma ainda negligenciada refere-se à um aspecto comportamental e uma postura da escola e dos pais dos alunos em relação aos recursos tecnológicos. A ansiedade que a escola e os pais dos alunos lidam com o ensino do idioma inglês é visivelmente gritante. Espera-se que crianças de dois anos estejam falando inglês com um ano de aulas. E acreditam que os recursos tecnológicos têm o poder de proporcionar isto. Os recursos tecnológicos são um complemento fundamental à aula. O professor é um mediador fundamental para a aula. Professor e recursos agregam ao aprendizado.

As tecnologias da comunicação não substituem o professor, mas modificam algumas das suas funções. A tarefa de passar informações pode ser deixada aos bancos de dados, livros, vídeos, programas em CD. O professor se transforma agora no estimulador da curiosidade do aluno por querer conhecer, por pesquisar, por buscar a informações mais relevantes. Num segundo momento, coordena o processo de apresentação dos resultados pelos alunos. Depois, questiona alguns dos dados apresentados, contextualiza os resultados, adapta-os à realidade dos alunos, questiona os dados apresentados. Transforma informação em conhecimento e conhecimento em saber, em vida, em sabedoria – o conhecimento com ética. (Levy, 1993, p.25).

Mas o aprendizado efetivo leva tempo, esforço e dedicação. A autora deste artigo acredita que as pesquisas acadêmicas também possam de alguma forma trazer este debate à tona, senão todos os esforços dedicados ao ensino serão secundários numa sociedade do imediatismo,

afinal, se para usar a tecnologia dependemos de um “clique”, o aprendizado de outro idioma também deve ser imediato. E não é bem assim. Nada substitui o esforço e a dedicação, o tempo disponibilizado e a paciência.

De acordo com Monteiro, Ribeiro e Struchiner (2007, p. 1042, 1043), “louvam-se, no discurso pedagógico, as tecnologias da informação e comunicação (TIC). Tais tecnologias destacam-se nos discursos do ensino e sobre o ensino. É como se as TIC fossem dotadas de poder miraculoso!”.

Para concluir, a utilização de novas abordagens metodológicas, o repensar de um currículo atualizado conforme as projeções de nossa sociedade e a inserção de tecnologias são recursos fundamentais para agregar qualidade à sala de aula. Este conjunto de elementos é fundamental. Tudo isso, aliado à motivação do professor, que é o elemento que irá nortear este processo de ensino-aprendizado e fazer este emaranhado de recursos e possibilidades funcionarem na prática. Mediante esta constatação, é nítida a necessidade de se investir em qualificação dos profissionais da área da educação, capacitando-os e preparando-os em termos pedagógicos, tecnológicos e emocionais para que a teoria ultrapasse as barreiras e atinja de forma efetiva nosso principal objetivo: o aprendizado do aluno. É o que se busca no momento: aprender a aprender. Considerando o desafio: como apreender.

Referências

- FERREIRA, M. J. M. A. Novas tecnologias na sala de aula. 121 páginas. Monografia (Especialização em Fundamentos da Educação: Práticas Pedagógicas Interdisciplinares). Universidade Estadual da Paraíba, 2014.
- LÉVY, P. As tecnologias das inteligências: o futuro do pensamento na era da informática. Rio de Janeiro, 1993.
- MONTEIRO, D.M.; RIBEIRO, V.M.B.; STRUCHINER, M. As tecnologias da informação e da comunicação nas práticas educativas: espaços de interação? Estudo de um fórum virtual. *Educação & Sociedade*, Campinas, v. 28, n. 101, p. 1435-1454, 2007.
- WALSH, J. P.; UNGSON, G. R. *The Academy of Management Review*. V. 16, n. 1, p. 57-91, 1991.
- ZOTTI, S. A. *Sociedade, educação e currículo no Brasil: dos jesuítas aos anos de 1980*. Campinas: Autores Associados, 2004.